

FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR: UM DESAFIO PARA O ENSINO DE GRADUAÇÃO

A substituição dos chamados "Currículos Mínimos" pelas Diretrizes Curriculares marcou (e está marcando) notável avanço no ensino de graduação brasileiro. Os conteúdos ("matérias") a serem trabalhados durante os Cursos, antes definidos por Lei e, portanto, inflexíveis, passam agora a ser delimitados pelas próprias Instituições de Ensino Superior (IES), dentro de princípios gerais próprios que norteiam esta ou aquela área de conhecimento, esta ou aquela carreira universitária. Neste contexto, as IES são instigadas a exercerem uma verdadeira autonomia de gestão didática e acadêmica, a partir do projeto pedagógico de cada Curso e de cada Instituição. Na nova visão, os currículos deixam de ser meras relações de disciplinas pelas quais o aluno deve cruzar, ordenadas de forma nem sempre lógica e articuladas por meio de pré-requisitos questionáveis. Se o conhecimento não pode ser compartimentalizado, a grade curricular deve representar mais do que uma "corrida com obstáculos".

O XIV Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras (ForGRAD), realizado entre os dias 20 e 24 de maio último, em Curitiba/PR, debateu longamente a questão. No evento, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade de Brasília (UnB) apresentaram valiosas experiências sobre o tema.

A UFMG considera que, para estar pautado na **flexibilidade**, um currículo de graduação deve: *"1. funcionar como um fluxo articulado de aquisição de saber, em um período delimitado de tempo, tendo como base a flexibilidade, a diversidade e o dinamismo do conhecimento, da ciência e da prática profissional;*

2. oferecer alternativas de trajetórias, ou seja, um curso deve ser entendido como um percurso;

3. oferecer ao aluno orientação e liberdade para definir o seu percurso;

4. oferecer condições de acesso simultâneo a conhecimentos, habilidades específicas e atitudes formativas na sua área profissional e em pelo menos uma área complementar;

5. possibilitar o aproveitamento de várias atividades acadêmicas para fins de integralização curricular."(Encarte do Boletim da UFMG, nº 1.317, 16/05/2001).

Neste mesmo sentido, cabe ressaltar que o Plano Nacional de Graduação, aprovado pelo ForGRAD na reunião de Ilhéus/BA (1999), estabelece que cada currículo deve ser organizado de forma a prever *"um percentual da carga horária total para realização de atividades acadêmicas alinhadas com os conteúdos, competências e habilidades previstas no projeto pedagógico do curso"*.

As experiências vivenciadas pelas IES mostram que há dois tipos básicos de flexibilidade curricular.

O mais simples, que, de tão simples chega a não ser considerado flexibilização no sentido estrito, é a de exigir ou oportunizar que parte dos créditos do currículo seja integralizada através da validação de atividades acadêmicas não convencionais e/ou não obrigatórias (ao que se tem denominado "atividades complementares"). Trata-se de uma modalidade já adotada por muitos Cursos de Graduação, baseada no aproveitamento de experiências obtidas fora da sala de aula e que integrem e enriqueçam a formação do estudante. Entre as experiências que são normalmente reconhecidas estão a participação em projetos de pesquisa ou de extensão; a atuação em programas acadêmicos, como monitoria ou bolsa PET

(Programa Especial de Treinamento); a frequência a eventos, do tipo seminários e congressos; a ação voluntária em projetos de cunho social; a participação em empresas juniores; a realização de estágios não obrigatórios; a integralização de disciplinas de outros Cursos (seqüenciais, de graduação ou de pós-graduação), entre outras oportunidades. A filosofia, neste caso, é agregar e somar diferentes modalidades de formação acadêmica, procurando construir um currículo que atenda não só o crescimento profissional mas também o desenvolvimento pessoal do estudante.

A outra perspectiva de flexibilidade curricular é um tanto mais complexa. Consiste em montar todo o currículo de forma flexível, permitindo que o próprio aluno o construa na medida de seus interesses. É o modelo adotado pela UFMG. Nesta Instituição, os currículos contemplam, obrigatoriamente, um núcleo de formação específica, um de formação complementar e um conjunto de atividades livres. O núcleo de **formação específica** *"deve constituir a essência dos saberes característicos de uma área de atuação profissional, incluindo não somente o domínio típico do curso, mas também o de campos de saber próximos, devendo ser estruturado a partir de atividades acadêmicas curriculares obrigatórias e optativas"*. A **formação complementar**, por sua vez, *"deve propiciar uma adequação do núcleo de formação específica a outro campo de saber que o complete e o credencie a obter um certificado"*. Esta formação pode ser obtida de forma pré-estabelecida pelo Colegiado de Curso, ou de forma "aberta", isto é, a partir da proposição do aluno, orientada por um docente e condicionada à autorização do Colegiado. O conjunto de **atividades livres**, por fim, confere ao aluno *"a possibilidade de ampliar sua formação em qualquer campo do conhecimento, com base estritamente em seu interesse individual"*, visando atender às aspirações pessoais por algum tipo de conhecimento em particular. No modelo adotado pela UFMG, é facultado ao aluno optar por cursar a formação complementar ou substituí-la por atividades do núcleo de formação específica.

Na UnB, a flexibilidade curricular é também evidente, sendo adotada por todos os Cursos de Graduação. O modelo inclui um **núcleo obrigatório**, cujas disciplinas ou atividades não podem perfazer mais do que 70% da carga horária total de cada currículo, e o chamado **"módulo livre"**, constituído por 24 a 36 créditos que o aluno deve obter em disciplinas não integrantes da grade curricular de seu Curso, escolhidas entre todas as disciplinas ofertadas pela Universidade, sem qualquer restrição. O sistema prevê, ainda, a validação de "atividades complementares", além do reconhecimento a habilidades e capacidades pré-existentes (como, por exemplo, a fluência em língua estrangeira).

Claro está que a flexibilização curricular constitui um processo e um desafio compatível com a complexidade do meio universitário. Tal inovação pressupõe a existência de uma mentalidade institucional que valorize o atendimento do interesse e da aptidão pessoal, garantindo a produção de profissionais dotados de formação individualizada e personalizada. É o fim da "graduação em série", onde o Curso se confunde com uma linha de montagem que gera produtos rigorosamente idênticos. É um novo tempo no ensino de graduação.

No próximo mês, analisaremos as dificuldades que cercam a implantação e a operacionalização de projetos curriculares flexíveis e de elevada qualidade pedagógica.

Prof. Antonio Waldimir Leopoldino da Silva
Pró-Reitor de Ensino